



## **MEMÓRIAS QUASE PÓSTUMAS DE MACHADO DE ASSIS (2014), DE ÁLVARO CARDOSO GOMES: A BIOGRAFIA ROMANCEADA DE MACHADO DE ASSIS COMO FERRAMENTA DE FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NO ENSINO BÁSICO**

Camila Arcarde GRANDE

Especialização em Literatura Brasileira – Universidade Estadual de Londrina

**RESUMO:** Dentre os mecanismos intertextuais presentes no romance juvenil *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*, de Álvaro Cardoso Gomes, publicado em 2014, o estudo – para além da análise dos elementos narrativos da biografia romanceada de Machado de Assis –, toma como recorte de pesquisa os paratextos enquanto marca identitária da Coleção *Meu amigo escritor*, idealizada e organizada por Gomes para a Editora FTD. O objetivo da pesquisa é compreender em que medida tanto os paratextos (introdução, apresentação, notas marginais, fotobiografia, ficha técnica de leitura, indicação de sites para consulta), como as personagens-interlocutores responsáveis pela condução hermenêutica da obra machadiana (Machado, Carolina, Padre Siqueira e Hermenegildo), contribuem para a iniciação à leitura da obra de Machado de Assis do alunado do Ensino Fundamental (Anos Finais). Para alcançar tais propósitos, o presente trabalho será dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, denominado “Relações dialógicas”, procuraremos apontar reflexões a respeito do diálogo e seus conceitos-chave, tais como: camada de discursos, signos, experiências e interpretações dos indivíduos, enunciados, dialogismo, linguagem e vozes sociais. Para tanto, utilizaremos a fundamentação teórica acerca das relações dialógicas de Mikhail Bakhtin e os seus principais estudiosos, como Beth Brait e Carlos Alberto Faraco. No segundo capítulo, intitulado “Conceitos de intertextualidade”, buscaremos a fundamentação teórica de Linda Hutcheon e Júlia Kristeva, duas autoras renomadas que discutem a noção de texto e intertexto, apontando que todo texto se constrói a partir da transformação de outro texto, instalando-se assim a intertextualidade. Desta maneira, o universo discursivo dos livros se dá por meio dos cruzamentos de superfícies textuais, no qual o leitor dialoga com outras leituras. No terceiro capítulo, denominado “Fortuna crítica acerca de Machado de Assis”, apontaremos as principais contribuições críticas acerca da obra do autor. Para isso, utilizaremos a fundamentação teórica de Alfredo Bosi, Antonio Candido, Afrânio Coutinho, entre outros. Machado de Assis possui inúmeras obras, lidas e relidas, que desafiam os críticos e leitores em geral. No quarto capítulo, intitulado “Análise da intertextualidade presente em *Memórias quase póstumas de Machado de Assis* (2014), de Álvaro Cardoso Gomes”, faremos um estudo pormenorizado de cada parte do livro, discorrendo sobre a intertextualidade com outras obras presentes nos dez capítulos. O objeto de estudo retrata fatos reais e ficcionais da vida do autor, isto é, há uma mistura de ficção amparada na realidade e uma sólida bibliografia de apoio. Assim, apontaremos aspectos relevantes a respeito da carreira do escritor, as obras produzidas por ele e o contexto histórico da época. Finalmente, no quinto capítulo, intitulado “Fotocronologia da vida e da obra de Machado de Assis”, apresentaremos fotos e ilustrações correspondentes à vida do escritor mediante ao momento histórico vivenciado no Brasil. Por fim, espera-se como resultado do presente trabalho a sugestão de um instrumental teórico-metodológico que contribua com a formação inicial e continuada do professor de Língua Portuguesa no que diz respeito à formação de leitores literários críticos no Ensino Básico – sobretudo por meio da compreensão dos diversos processos de construção dialógica presentes em uma biografia romanceada de um autor consagrado da literatura brasileira –, construindo pontes que aproximem o leitor adolescente em formação com a obra canônica de Machado de Assis.



PALAVRAS-CHAVE: Memórias; Intertextualidade; Formação de leitores.

*ABSTRACT: Among the intertextual mechanisms present in Álvaro Cardoso Gomes' novel Posthumous Almost Posthumous, published in 2014, the study - apart from the analysis of the narrative elements of Machado de Assis' Researches the paratexts as an identity mark of the Collection My friend writer, idealized and organized by Gomes for FTD Publishing. The purpose of the research is to understand the extent to which the paratexts (introduction, presentation, marginal notes, photobiography, technical data of reading, indication of websites for consultation) and the interlocutors responsible for the hermeneutic conduction of Machado's work (Machado, Carolina, Father Siqueira and Hermenegildo), contribute to the initiation to the reading of Machado de Assis's work as a student of Elementary School (Final Years). To achieve these purposes, this paper will be divided into five chapters. In the first chapter, called "Dialogical relations", we will try to point out reflections about dialogue and its key concepts, such as: layer of speeches, signs, experiences and interpretations of individuals, statements, dialogism, language and social voices. To do so, we will use the theoretical foundation on the dialogical relations of Mikhail Bakhtin and his main scholars like Beth Brait and Carlos Alberto Faraco. In the second chapter, entitled "Concepts of intertextuality", we will seek the theoretical foundation of Linda Hutcheon and Júlia Kristeva, two renowned authors who discuss the notion of text and intertext, pointing out that all text is constructed from the transformation of another text, Thus creating intertextuality. In this way, the discursive universe of books occurs through the crossings of textual surfaces, in which the reader dialogues with other readings. In the third chapter, entitled "Critical Fortune about Machado de Assis", we will point out the main critical contributions about the author's work. For this, we will use the theoretical foundation of Alfredo Bosi, Antonio Candido, Afrânio Coutinho, among others. Machado de Assis has numerous works, read and rereading, that defy critics and readers in general. In the fourth chapter, titled "Analysis of the intertextuality present in Álvaro Cardoso Gomes's almost posthumous Memoirs of Machado de Assis" (2014), we will make a detailed study of each part of the book, discussing intertextuality with other works present in the ten chapters. The object of study portrays real and fictional facts of the author's life, that is to say, there is a mixture of fiction supported in reality and a solid bibliography of support. Thus, we will point out relevant aspects regarding the writer's career, the works produced by him and the historical context of the time. Finally, in the fifth chapter, entitled "Photochronic of the life and work of Machado de Assis", we will present photos and illustrations corresponding to the life of the writer through the historical moment experienced in Brazil. Finally, it is expected as a result of the present work the suggestion of a theoretical-methodological instrument that contributes to the initial and continued formation of the Portuguese Language teacher in what concerns the formation of critical literary readers in Basic Education - mainly through Understanding of the various processes of dialogical construction present in a romance biography of a consecrated author of Brazilian literature -, building bridges that approach the adolescent reader in formation with the canonical work of Machado de Assis.*

*KEYWORDS: Memories; Intertextuality; Training of readers.*



Ao abordarmos a questão referente as relações dialógicas, Bakhtin afirma que o diálogo visto para a compreensão da linguagem trata-se de um acontecimento entre sujeitos, na qual sua reflexão reúne sujeito, tempo e espaço, enquanto o diálogo lhe conserva e releva a constituição história, social e cultural.

O diálogo visto como o conceito organizador da reflexão possui duas vertentes, uma primária e outra secundária. Entende-se por gênero primário o diálogo cotidiano, espontâneo, enquanto o gênero secundário corresponde ao diálogo mais extenso e complexo que constitui todo e qualquer enunciado.

A palavra *diálogo*, no conceito bakhtiniano, é entendida como reação do eu ao outro, como reação da palavra à palavra de outrem, como ponto de tensão entre o eu e o outro, entre círculos de valores, entre forças sociais. A essa perspectiva interessa a palavra na atuação complexa e heterogênea dos sujeitos sociais, vinculada a situações, a falas passadas e antecipadas. Segundo Bakhtin, “as relações dialógicas podem permear o interior do enunciado, mesmo o interior de uma só palavra, desde que nela duas vozes colidam dialogicamente”. (BAKHTIN, 2000, p.317)

O Círculo de Bakhtin entende as relações dialógicas como espaços de tensão entre enunciados. Nesse sentido, o pensador russo diz, em *O discurso no romance* (p.272), que qualquer enunciado é uma unidade contraditória e tensa de duas tendências opostas da vida verbal, as forças centrípetas e as forças centrífugas. Assim, o diálogo deve ser entendido como um vasto espaço de luta entre as vozes sociais.

Sabe-se que as relações e interferências entre textos ocorreram anteriormente ao surgimento do termo *intertextualidade* nos anos de 1960, por Kristeva no contexto do estruturalismo. Por conseguinte, tais relações são habitualmente estudadas pela crítica literária devido a sua importância. De acordo com a teórica canadense e professora titular do Departamento de Inglês e Literatura Comparada na Universidade de Toronto, Linda Hutcheon: “Descobri o que os escritores sempre souberam (e nos disseram muitas e muitas vezes): os livros sempre falam sobre outros livros, e toda a história conta uma história que já foi contada”. (ECO *apud* HUTCHEON, 1988, p.167)

Ao tratar da noção de intertextualidade de Kristeva, Hutcheon pergunta: “O diálogo intertextual não é, antes, um diálogo entre o leitor e a sua memória de outros textos, conforme são evocados pelo texto em questão?” (HUTCHEON, 1989, p.111); em seguida, responde:

a partir da perspectiva de qualquer teoria da intertextualidade, a experiência da literatura consiste apenas num texto, num leitor e nas suas reações, que tomam a forma de sistemas de palavras, agrupados associativamente no espírito do leitor. Dois textos poderiam, pois, partilhar estes sistemas sem serem codificados parodicamente; o local da apropriação textual reside aqui no leitor, e não no autor, real ou inferido. Um intertexto não seria, pois, necessariamente o mesmo que um texto parodiado (...) (HUTCHEON, 1989, p.111)



A relação entre autor e leitor corresponde a intersubjetividade. Assim, o leitor é o elemento fundamental para decifrar a obra, pois a partir da interação com o texto é capaz de dialogar com outras leituras.

Distinguir texto de intertexto não é uma tarefa simples, pois de acordo com as palavras de Barthes (1984), todo texto é, sempre, o intertexto de outro texto. Por isso, é correto afirmar que todo texto, em maior ou menor grau, é um intertexto, e isso acontece em virtude das relações dialógicas firmadas. Já Bakhtin, tende a classificar os textos por meio do grau intertextual e/ou intersubjetivo. Desta forma, a intencionalidade do sujeito da enunciação é reduzida pela intertextualidade e o leitor é visto como o produtor da relação dada entre os textos. A problematização do intertexto é precária bem como a própria noção de intertextualidade, pois ao agregar-se ao texto, o intertexto passa a constituí-lo, dificultando assim a separação entre ambos.

Afrânio Coutinho, que estudou especialmente o esforço filosófico de Machado de Assis, afirma que:

depois que cessou em seu espírito a inquietação do destino humano e a preocupação de analisar a nossa miséria, do que são reflexos o Brás Cubas, o Quincas Borba, o Rubião, e a série enorme de figuras muito humanas e quase mórbidas, que provam o desajustamento em que resultou a sua máquina pensante com o espetáculo do mundo; nos últimos livros, quando ele se despreocupa destes problemas angustiantes da dúvida e da perfeição, surge a sua reconciliação com a vida. (COUTINHO, 1940, p.94)

Alfredo Bosi é professor universitário, crítico e historiador de literatura. Considerado um dos maiores críticos do Brasil, Bosi afirma que:

a ficção machadiana constitui, pelo equilíbrio formal que atingiu, um dos caminhos permanentes da prosa brasileira na direção da profundidade e da universalidade. Mas não deve ser transformada em ídolo; isso não conviria a um autor que fez da literatura uma recusa assídua de todos os mitos. (BOSI, 2006, p.193)

Deste modo, Machado de Assis, além de nos deixar suas obras, ainda deixou seu exemplo pessoal de honestidade intelectual, de respeito à missão da literatura. Sua vida toda voltada à sua arte completa lhe a obra e faz de si um valor intelectual e moral.

De acordo com Alfredo Bosi, em *História concisa da Literatura Brasileira* (1970), o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa brasileira acha-se na ficção realista de Machado de Assis. Para Bosi, a obra machadiana possui dois momentos, cujo divisor de águas seriam as *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A obra trata de uma reestruturação original da existência operada pelo homem que perdera as ilusões e não encontrara a forma ficcional de desnudar as próprias criaturas, ou seja, ainda não aprendera o manejo do distanciamento. Deste modo, o romance acaba sendo uma espécie de breviário das possibilidades narrativas do



novo modo de conhecer o mundo do autor, adquirido pela riqueza das experiências vivenciadas.

O livro surpreendente fez com que Machado descobrisse o contínuo da psique humana, conforme a citação de Bosi:

Daí, a estrutura informal e aberta dessa nova experiência narrativa, tecido de lembranças casuais, *fait divers* e cortes digressivos entre banais e cínicos da personagem-autor, que não transcende nunca a “filosofia” do bom senso burguês congelada pela condição irreversível de defunto. Uma consequência notável para o miolo ideológico do romance é que a unidade, mascarada pela dispersão dos atos e das palavras, ultrapassa os indivíduos e acaba fixando-se em níveis impessoais: *a sociedade* e *as forças do inconsciente*. (BOSI, 1970, p.191)

De acordo com Barreto Filho, a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* é composta pela angústia do tempo e da morte, a compreensão do mau moral, de maneira frenética e contagiosa.

A narrativa inicia-se com um delírio de Brás Cubas no momento da morte. Assim, surge o motivo do tempo, numa alegoria confusa, em que o moribundo vê os séculos passarem em vertiginosa corrida, com o objetivo de encontrar no final a decifração da eternidade. Para Barreto Filho, a citação é bizarra, tecida ao gosto do humorismo excêntrico, mas é uma confissão de impotência, uma afirmação dolorida do absurdo da vida. É esse o sentido da apóstrofe patética de Brás Cubas à figura alegórica da natureza, com a qual se depara: “Viver somente, não te peço mais nada. Quem me pôs no coração este amor da vida, senão tu? e, se eu amo a vida, por que te hás de golpear a ti mesma, matando-me?” (ASSIS, 1881, p.19)

Desta forma, percebemos o quanto o personagem está insatisfeito e aspira pela eternidade, de modo absurdo, a que nada corresponde.

O ponto de vista na narrativa não será mais o triângulo amoroso, e sim os interesses de posição, prestígio e dinheiro, pois a vontade de poder prevalece no homem visto em sociedade, isto é, não há mais heróis a cumprir missões ou afirmar a própria vontade, há apenas destinos sem grandeza.

O romance juvenil de Álvaro Cardoso Gomes a ser analisado é uma paródia do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis. Trata-se de uma história tocante, na qual nos permite imaginar como nasceram alguns contos e romances do grande escritor. Assim, serão apresentados aspectos da intertextualidade presente na construção do mesmo.

Na obra *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*, Gomes narra a história da vida de Machado de Assis, procurando penetrar no íntimo do escritor e de alguns outros personagens, mas sem se descuidar de tudo aquilo que serve de base histórica para o enredo: o Rio de Janeiro no século XIX, as livrarias e seus lançamentos e os aspectos da sociedade oitocentista, dividida entre os remanescentes da nobreza, a burguesia ascendente, as classes





pobres e os escravos. Seu principal objetivo é aproximar ou reaproximar o jovem leitor de um dos maiores escritores de nossa literatura por meio da sedução e do encantamento que só a ficção propicia.

O romance narra a intimidade do autor no cotidiano por meio de registros feitos num caderno pelo próprio Machado antes de morrer. Trata-se de alguns fatos relevantes de sua vida, tais como: a infância pobre, a relação com a família, a lenta ascensão social, o amor por Carolina, sua trajetória como escritor e a amizade com os escritores de seu tempo, como José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida e Euclides da Cunha. O livro retrata fatos reais e ficcionais.

A obra é narrada em primeira pessoa e Hermenegildo é quem relata o prefácio, um jovem de 16 anos a quem Machado o faz seu secretário e confidente. Filho da lavadeira da família, o rapaz cuida da limpeza e organização do escritório. Assim, nasce uma bonita amizade entre eles, já que o jovem, inteligente e bom leitor, conversa com Machado sobre seus romances, contos e crônicas. É ele quem acompanha o escritor diariamente em seus últimos dias de vida, após a morte da esposa Carolina. Por fim, Hermenegildo lê, passa a limpo seus relatos e prefacia o livro com as memórias do autor. O jovem é também um leitor curioso, uma espécie do jovem Machado, que se dedica a desvendar o sentido dos textos lidos. Para o autor, Hermenegildo foi Machado.

O primeiro capítulo, intitulado “Saldo de duas vidas”, apresenta claramente a intertextualidade com a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, na qual o narrador relata seu óbito:

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a cama foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia (...).

(...) Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo. (GOMES, 2014, p.21-24).

Em seguida, Machado analisa e reflete sobre o dia de sua morte em comparação com a morte de Brás Cubas. O personagem fica doente e morre por conta da medicação, enquanto Machado anda doente e acredita que morrerá naturalmente. Brás Cubas deixa dinheiro aos herdeiros. Machado morre sem fortuna, deixando apenas o legado de seus escritos. Brás Cubas era solteiro, sendo resistente ao casamento. Machado era bem casado com Carolina. No cemitério, o defunto autor foi acompanhado por onze pessoas. O autor quase defunto acredita que em seu enterro será acompanhado por um grande número de amigos, alguns parentes e



admiradores. Brás queria continuar vivendo a todo o custo, enquanto Machado deixará a vida sem lamentações. Brás Cubas tinha delírios. Machado de Assis não os possuía. Um era rico, saudável e branco. O outro era pobre, doente e mulato. Brás deixa um saldo negativo, pois não alcança seus objetivos. Machado atinge o auge da fama. Veremos a seguir as indagações de Brás Cubas:

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. (GOMES, 2014, p.32)

Logo no início, observa-se a intertextualidade com outra obra do autor. Deste modo, Machado de Assis é apresentado ao leitor em sua casa escrevendo o “Capítulo XXXII” do romance *Dom Casmurro* intitulado “Olhos de ressaca”. Assim, descreve a atração que Capitu exerce em Bentinho.

Bentinho observa os olhos de Capitu pela definição de José Dias “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” e conclui que o olhar era misterioso e energético, contendo uma força que o arrastava para dentro. Era penetrante e envolvente. Uma atração fatal que lhe arrastava como uma onda. Eram olhos de ressaca que teriam o arrastado para o mar.

Em *Dom Casmurro*, Machado faz voltar o estilo das memórias quase póstumas:

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor não consegui recompor o que foi nem o que fui. Era tudo, se o resto é igual, a fisionomia é diferente. Se me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo. (ASSIS, 1899, p.6)

O segundo capítulo da obra *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*, intitulado “O filho da lavadeira”, relata a história de Hermenegildo de Souza Pereira, o filho de Anica, a lavadeira da casa de Machado de Assis. A pobre mulher era amasiada com o pedreiro Fortunato que vivia bêbado, a violentava e maltratava o enteado. Devido à situação dolorosa, Machado e Carolina decidem trazer o jovem para a casa. Machado sente nostalgia ao chegar à casa de Hermenegildo no Morro do Livramento, o mesmo local onde vivera durante a infância. Ali, o escritor via-se no menino franzino, pois se lembrava da casa velha, onde sua família vivera como agregada. O ambiente traz detalhes que nos permite visualizar o espaço onde Machado habitava quando criança. O seguinte parágrafo refere-se a uma reprodução quase integral de trechos dos “Capítulos I e II” de *Relíquias da casa velha* (1906):



Ficava numa grande chácara, no topo desse morro. Creio que hoje ela não exista mais. Tinha entre o povo o nome de Casa Velha, e o era realmente: datava dos fins do outro século. Era uma edificação sólida e vasta, gosto severo, sem adornos. Eu, desde criança, conhecia-lhe a parte exterior, a grande varanda da frente, os dois portões enormes, um para as pessoas da família e para as visitas, e outro destinado ao serviço, às cargas que iam e vinham, o gado que saía a pastar. Além dessas duas entradas, havia, do lado oposto, onde ficava a capela, um caminho que dava acesso às pessoas da vizinhança, que ali iam ouvir missa aos domingos ou rezar a ladainha aos sábados. Quanto ao espaço que mais amava, a biblioteca, era uma vasta sala, dando para a chácara, por meio de seis janelas de grade de ferro, abertas de um só lado. Todo o lado oposto estava forrado de estantes, carregadas de livros. Esses eram, na maior parte, antigos, e havia muitos infólios; também livros de história, de política, de teologia, alguns de letras e filosofia, não raro em latim e italiano. (ASSIS, 1906, p.2, 5-6.)

No terceiro capítulo do livro, intitulado “Um ajudante muito especial”, Machado nos conta que morava na Rua das Laranjeiras. Depois, o casal mudara-se para a Rua Cosme Velho, onde um vizinho o incomodava. O escritor foi apelidado pelo mesmo de “Bruxo do Cosme Velho”. Assim, se compara a Dom Casmurro: “Como Dom Casmurro, queria sossego, trocar dedos de prosa só com quem me aprouvesse. Mas o homem, irritado com a minha casmurrice, virou-me a cara e pôs-se a falar mal de mim na vizinhança”. (GOMES, 2014, p.73)

No quarto capítulo, intitulado “Ganhei um secretário!”, ao ler os contos de Machado de Assis, presentes na obra *Páginas recolhidas* (1899), Hermenegildo relata que seu preferido é “Missa do galo”. Assim, inicia uma conversa entre ambos, na qual o jovem leitor faz suas observações ao autor. O garoto lê fragmentos do conto, mostrando ao próprio escritor que dominava como ninguém sua obra. Em seguida, começou a ler o seguinte trecho:

Boa Conceição! Chamavam-lhe “a santa” e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar. (GOMES, 2014, p.86-87)

No sétimo capítulo, intitulado “De médico e de louco...”, Carola comenta com o marido a respeito do filho do comendador Tavares, que fora internado no hospício Dom Pedro II pela família. Com a história do hospício na cabeça, Machado começa a escrever “A casa de orates”. O conto trata-se de uma alegoria sobre a mente humana ao indagar o que era a loucura. Carolina, ao ler a obra, considera Machado um pândego por ter se apropriado do destino do pobre Torquato para escrever um conto. A história cômica causou-lhe





divertimento, devido a muitas coisas engraçadas presente nela. Desta forma, Carolina remexendo nas páginas do escrito localiza uma passagem:

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes. Se além dessas prendas - únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte. (GOMES, 2014, p.136-137)

Carolina indaga o retrato da pobre D. Evarista, escolhida por esposa pelo Doutor Bacamarte somente pela qualidade de procriar, comparando-a com um animal pronto para a reprodução, para depois trancafiá-la no hospício. Por fim, Carola relata que o título do conto a incomoda, pois não soa bem. Machado pensa na crítica feita pela esposa e decide mudar o título para “O Alienista”, já que o centro de toda a história era a figura do Doutor Simão Bacamarte. O conto longo é dividido em capítulos, encimados por subtítulos, e toma outra proporção. Assim, para a satisfação do escritor, nascia mais um conto seu inspirado em histórias reais e preparado para ganhar o mundo. “O Alienista” foi publicado em *Papéis avulsos*, no ano de 1875.

No nono capítulo, intitulado “A teoria do tijolinho”, Machado explica ao leitor que tal teoria teria sido criada por ele próprio diante de uma conversa que tivera com Hermenegildo a respeito do seu conto “O espelho”, na busca de compreender que cada ser humano traz duas almas consigo. Para ele, o caráter humano apresenta uma duplicidade. Assim, explica ao jovem a história de Jacobina no conto, em que antes era Joãozinho, um rapaz pobre que não chamava a atenção de ninguém, e que após receber uma patente, começa a usar uma farda e torna-se Jacobina, “o senhor de alferes”, ganhando notoriedade e admiração de parentes e amigos e sendo invejado por outros. Deste modo, pode-se afirmar que o personagem possui duas almas distintas, uma natural e mais simples e outra artificial que provoca a percepção e admiração das pessoas. A seguir, numa passagem do conto, o personagem diz que “o senhor de alferes” eliminou o homem:

- O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não? (GOMES, 2014, p.182-183)



Deste modo, Machado indaga no romance que é muito comum alguém eliminar a alma interior, devido à supremacia da alma exterior, que pode ser representada tanto pela farda de alferes, quanto pela batina, pela coroa, por um título ou por uma posição social. Por conseguinte, Hermenegildo relata que as pessoas deixam de ser o que são para serem em sociedade o que o cargo ou o título determina. E continua o assunto ao afirmar que Joãozinho precisava se olhar no espelho com frequência, pois era a única forma de se contemplar com a farda e se afirmar como “o senhor de alferes”, já que quando se via sozinho, sem ninguém para exaltá-lo, voltava a ser Joãozinho. O trecho final do conto exemplifica o relato:

- Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vestia-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais de seis dias de solidão, sem os sentir... (GOMES, 2014, p.187-188)

Consequentemente, a “teoria do tijolinho” seria a alma exterior dominando por completo a alma interior, visto que, as pessoas em vez de serem elas mesmas, vivem conforme o que a alma exterior determina. A alma exterior, artificial, sufoca a alma interior e a soberba torna-se sua nova alma. Portanto, algumas pessoas, ao subirem sobre um simbólico “tijolinho”, tornam-se outras, sentindo-se superiores às demais. “O espelho” leva a corrosão da suspeita do âmago da pessoa, mostrando exemplarmente como o papel social e seus símbolos materiais valem tanto para o *eu* quanto a clássica teoria da unidade da alma.

Com o passar do tempo, após a morte de Carolina, Machado volta a escrever e, para sua surpresa, descobre inspiração para mais uma obra, um romance de caráter memorialista. Sendo assim, *Memorial de Aires* (1908) seria seu último livro publicado. A obra trata de uma espécie de acerto de contas com a própria vida do escritor, em que se via no personagem Aires, o Conselheiro, que construía aos poucos. Assim, observa-se que Aires tinha traços que eram bem nítidos em Machado, como se pode ver no fragmento abaixo:

Eu tenho a mulher embaixo do chão de Viena e nenhum dos meus filhos saiu do berço do Nada. Estou só, totalmente só. Os rumores de fora, carros, bestas, gentes, campainhas e assobios, nada disto vive para mim. Quando muito o meu relógio de parede, batendo as horas, parece falar alguma coisa – mas fala tarde, pouco e fúnebre. Eu mesmo, relendo estas últimas linhas, pareço-me um coveiro. (GOMES, 2014, p.212-213)



De acordo com suas palavras, Machado de Assis era o coveiro de sua própria vida, pois ao redigir aquela que seria sua última obra, se preparava para enterrar seu próprio cadáver.

Os últimos romances *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, mantêm o padrão clássico do autor, no qual dissolve ironias em relação à paixão e ao entusiasmo.

Em *Esau e Jacó* (1904) não há ódio nem amor. Trata-se de uma confissão de fatalismo, em que não se luta contra o destino. Nada valendo como absoluto, nada merece o empenho do ódio ou do amor.

Em *Memorial de Aires*, o escritor passa a ser desconfiado das coisas, como nos informa o Conselheiro Aires:

Quando eu era do corpo diplomático efetivo não acreditava em tanta coisa junta, era inquieto e desconfiado; mas, se me aposentei, foi justamente para crer na sinceridade dos outros. Que os efetivos desconfiem. (ASSIS, 1908, p.249)

O memorial é melancólico, mas trata-se de um depoimento em favor da vida. A ausência de Carolina cria dentro de Machado uma expectativa que transparece na sua correspondência e que o Conselheiro Aires reproduz, referindo-se à esposa morta: “Quando eu morrer irei para onde ela estiver, no outro mundo, e ela virá ao meu encontro”. (ASSIS, 1908, p.10). Assim, o leitor percebe que o personagem não abandona mais o pensamento da morte e o envolve numa expectativa dolorida. O cansaço de viver e a saudade da esposa se alojam em seu corpo e espírito.

Desta maneira, o romance *Memórias quase póstumas de Machado de Assis* chega ao final ao apresentar o subcapítulo intitulado “Um epílogo escrito por outra mão”. O narrador Hermenegildo, após a morte de Machado, cumpre a promessa de passar a limpo as memórias do escritor contidas em um caderno.

Assim, o jovem relata que Machado de Assis foi enterrado no cemitério João Batista, no mesmo jazigo em que se encontravam os restos mortais de Carolina. O velório foi acompanhado de muitas pessoas, estando presentes alguns parentes, seus amigos mais próximos, políticos, militares, funcionários de ministérios, livreiros e escritores.

Diante das memórias do escritor, o jovem sente-se muito lisonjeado com o retrato que Machado fez de sua pessoa. E relembra o instante da morte daquele que fora seu protetor e amigo:

Então, o Sr. Machado fechou os olhos. A respiração opressa foi desaparecendo, até que seu rosto assumiu uma expressão bem serena. Continuei a apertar a sua mão entre as minhas. Pouco depois, o único calor que emanava dela era o das lágrimas que eu não conseguia mais segurar. (GOMES, 2014, p.217)



A fotocronologia surge como um modo inovador para trabalhar o ensino de Literatura em sala de aula, na medida em que se trata do relato da vida de alguém, recorrendo às fotografias e eventos presentes em suas memórias, na qual o enredo passa a ser contado por meio de fotos e relatos que buscam explicar essas fotografias.

Assim, observamos que a fotocronologia é um material de suma importância na obra de Álvaro Cardoso Gomes, pois retrata a vida do escritor em meio ao contexto histórico do período. Deste modo, o material surge como apoio para o professor a partir da necessidade de ajudar os alunos do Ensino Fundamental a compreender noções básicas sobre o conhecimento do autor e de sua época. Desta maneira, o professor consegue traçar um paralelo, cujo objetivo é aproximar o estudante com as obras canônicas de Machado de Assis em meio à realidade cotidiana vivenciada pelo mesmo, visto que a fotocronologia é um instrumento capaz de realizar tal aproximação.

As ilustrações apontam para outro fator relevante presente na obra. O ilustrador Alexandre Camanho afirma que as ilustrações para este livro resultam de um fazer espontâneo da linha e da mancha. A água adicionada à aquarela criou o caminho para o surgimento dos personagens. A linha dissolvida pelo pincel deu ênfase aos aspectos fantásticos, lúdicos e caricaturescos..

Como vimos, o presente trabalho serve de orientação para o leitor interessado em conhecer a trajetória do escritor Machado de Assis em meio ao contexto histórico de sua época.

A obra analisada possui explicações no glossário que fazem referência ao vocabulário utilizado e sobre quem são os escritores citados. O objetivo é explicar o contexto histórico, as referências bibliográficas, as citações e as obras, a fim de aprimorar o conhecimento e interesse do adolescente dos anos finais do Ensino Fundamental perante a curiosidade pela leitura dos cânones literários. Há também na obra, intertextualidade e referências de outras obras literárias de grande valor, que se relacionam com o enredo do romance, por isso há explicações nos boxes com auxílio de leitura e material de apoio. Assim, o aluno enriquece seu vocabulário com significados e sinônimos para que possa compreender da melhor forma o enredo da narrativa. Os *sites* para consulta disponíveis auxiliam na pesquisa das obras e dos autores que influenciaram Machado de Assis. Desta forma, o jovem leitor é também estimulado a buscar leituras no ambiente virtual.

A escolha do narrador trata-se de outro fator importante para a contribuição da iniciação à leitura das obras de Machado de Assis. Assim, Álvaro Cardoso Gomes procurou aproximar o estudante adolescente dos anos finais do Ensino Fundamental do jovem Hermenegildo, um adolescente de 16 anos, cuja idade é próxima dos alunos aos quais a obra é destinada.

O autor de *Memórias quase póstumas de Machado de Assis* contribui de forma excelente para a iniciação da leitura das obras de Machado, pois sua obra é completa, contendo vários itens que atraem a atenção e despertam a curiosidade do jovem leitor em formação. Sendo assim, o adolescente tem acesso aos elementos presentes na obra que o envolve, tais como: introdução, apresentação, notas marginais, ficha técnica de leitura (em anexo), fotocronologia e indicação de *sites* para consulta.

Em suma, o objetivo do presente trabalho refere-se à sugestão de um instrumental teórico-metodológico que auxilie a formação inicial e continuada do professor de Língua Portuguesa em relação à formação de leitores literários críticos cursando os anos finais do

Ensino Fundamental – sobretudo por meio da compreensão dos diversos processos de construção dialógica presentes em uma biografia romanceada de um autor consagrado da literatura brasileira -, construindo pontes que aproximem o leitor adolescente em formação com a obra canônica de Machado de Assis.

*Memórias quase póstumas de Machado de Assis* é uma obra que possui projeto de leitura a ser desenvolvido por estudantes do Ensino Fundamental. O livro de Álvaro Cardoso Gomes ganhou o *Prêmio Jabuti* de 2015, ocupando o 3º lugar da categoria *Juvenil*.



## Referências

### Livro

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Moderna, 1984.

\_\_\_\_\_. **Obra completa**. Organizado por Afrânio Coutinho. Volume III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1997.

BARRETO FILHO, José. **Introdução a Machado de Assis**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave** / Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. **Bakhtin: outros conceitos-chave** / Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2006.

BOSI, Alfredo. **Brás Cubas em três versões: estudos machadianos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **História concisa da literatura brasileira**. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 2ª ed. Volume I. São Paulo: Martins, 1963.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

COUTINHO, Afrânio. **A Filosofia de Machado de Assis e outros ensaios**. Rio de Janeiro: São José, 1959.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Literatura no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: São José, 1964.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

GOMES, Álvaro Cardoso. **Memórias quase póstumas de Machado de Assis**. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2014.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução André Cechinel. Editora UFSC, 2012.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1974.

ROMERO, Sílvio. **Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.





## **Revista e trabalho acadêmico**

ALÓS, Anselmo Peres. **Texto literário, texto cultural, intertextualidade. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 4, n. 6, março de 2006.

CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. **O Fenômeno da intertextualidade e uma perspectiva cognitiva**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

FRASSON, Regina Mafalda Denardin. **A intertextualidade como recurso de argumentação**. Santa Maria: UFSM, 1992.

SILVA, Marcio Renato Pinheiro. **Leitura, texto, intertextualidade, paródia**. São José do Rio Preto - SP: Universidade Estadual Paulista, 2003.

## **Vídeo**

Filme **Memórias póstumas de Brás Cubas** baseado na obra de Machado de Assis:

[https://www.youtube.com/watch?v=gFJzq\\_AtOu4](https://www.youtube.com/watch?v=gFJzq_AtOu4) - Acesso em 03/06/2016.

## **Site**

### **Academia Brasileira de Letras**

<http://www.academia.org.br/> - Acesso em 06/06/2016.

### **Machado de Assis**

<http://www.machadodeassis.org.br/> - Acesso em 08/06/2016.